

# O ESPECTRO

N.º 1

1888

SEMANARIO POLITICO

SEMANARIO POLITICO



# O ESPERANTO

1888

N.º 1

SEMANARIO POLITICO

SEMANARIO POLITICO



ouda  
nen-  
tes  
cios  
ser

# O ESPECTRO

SEMANARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa  
 Direcção Municipal de Cultura  
 Departamento de Act. e Cult. Popul.  
 Divisão de Rede de Bibliotecas  
 Câmara Municipal de Lisboa

## O ESPECTRO

Este jornal vem preencher uma lacuna.

Mais tarde ou mais cedo era fatal que n'esse campo aberto a todos os combates e que se chama a imprensa, aonde se lucha com todas as armas, se erguesse uma voz que sem reboços, sem preocupações, sem compromissos partidarios, livre, completamente sabedora da sua independencia e da sua justiça, viesse dizer á nação portugueza para onde caminha vertiginosamente arrastada; viesse contar ao povo como são honradas as suas nobres tradições, como são administrados os limitados recursos do paiz, como por cada dia, que foge, dá mais um passo para a perda da sua autonomia.

Souo a hora do despertar, tocou á alvorada, e é forçoso que todos accordem, até essa massa de indifferentes que fórma a grande maioria.

Narrar os factos em toda a sua nudez, marcar os **ladrões** com o ferro em braza depois de os descobrir no covil immundo ou no palacio esplendoroso, enxotar da arena os traidores e os hypocritas, lembrar aos imbecis a sua inutilidade, falar, enfim, claro ao Rei e ao Povo, tal é a nossa missão, tal é o nosso programma.

O *Espectro* vem mostrar, a todos, as pustulas e as chagas que cresceram e alastraram á sombra do indifferentismo, e caminhará sem descanço, sem treguas, porque a gangrena ameaça tudo manchar, tudo apodrecer.

Em França expõem-se na *Morgue* os restos humanos que apparecem nos lodos do Sena, nos esgotos da cidade ou nos recantos escuros das casas de devassidão: são, em geral, os despojos repugnantes do crime.

Em Portugal tambem é preciso uma *Morgue* bem visivel, onde se faça a nua exposição da miseria da nossa vida politica e dos crimes e infamias que a dirigem e regulam.

O nosso jornal será a *Morgue* da actual politica portugueza.

\* \* \*

Fontes Pereira de Mello governava o paiz e, conscio da sua força e do seu poder, vindo na sua frente um bando faminto de *pillos* que o abatimento politico da nação tinha arvorado em facção politica, unica que se apresentava a aspirar ao poder; entendeu, como uma fatal necessidade, escolher de entre elles o menos **sujo** para o elevar á altura de chefe do partido militante.

Vivendo Fontes era possivel esta solução.

O novo chefe tendo-se conservado afastado da politica de negocios era uma garantia, relativa, contra os desmandos da insoffrida chusma.

Por outro lado fraco de animo, sem idéas proprias, ao mesmo tempo raivosos por ser impotente e medroso por ser de idiosincrasia lyrica não era duradoura nem possivel a sua permanencia no poder e assim se affigurava a Fontes que passaria aquelle momento da vida politica esperando que novos acontecimentos viessem modificar a organização dos partidos em Portugal.

Mas o grande homem morreu e pela mais extraordinaria de todas as infelicidades os destinos politicos de uma nação inteira ficaram por um momento nas mãos do *grande ôco*, que mais tarde pela corrupção popular se chama *Bacôco*.

Começou então a derrocada.

Já sem receio, apregoam por toda a parte que a dictadura fôra imposta ao Rei como pagamento forçado das festas do casamento do principe e de viagens ao estrangeiro.

Nos ministerios das Obras Publicas e da Fazenda criam-se 2:000 logares para a galopinagem soffrega, e como não havia dinheiro para lhes pagar lança-se mais de 2:000 contos de impostos, em grande parte sobre os generos de primeira necessidade.

Observado isto levantam-se todos como um só homem e pedem em gritos desordenados que se dê a voz de *saque*.

Não se hesitou um instante, e até hoje tem o paiz inteiro assistido a esse extraordinario espectáculo de um partido **roubar** sem descanço nem treguas, a honra, a dignidade, o dinheiro, tudo que era e representava o prestigio do poder e o patrimonio da nação.

Examinemos quem são os chefes d'esse partido.

*José Luciano* — deixa-se ir na onda até receber de Burnay e d'outros a direcção do banco hypothecario nas vesperas de renovação dos *privilegios*...!

Pela primeira vez no ministerio do *ôco* se estabelece o costume de se contemplar com o presente da *salva* o ministro da pasta, tornando-se notavel a offerta de *Gandarinha*. — *Es* como chevem os titulos assim se amontoam as *SALVAS*...!

Vergonhoso!

*Barros Gomes* — continua os seus arranjos no Banca Emissor em nome das tradições que os seus antepassados deixaram no Maranhão.

Para o banco pede regalias e favores.

Para o paiz, animado da sua beata e timorata *nevrose de hetaira* de clerigo resolve entregar:

A' propaganda. — O padroado.

A' Allemanha. — O sul d'Angola.

A' França. — O protectorado de Dahomey.

Ao Zanzibar. — O vapor Kilwar e mais tarde a bahia de Tungue.

E ali o vemos, contente rebolando-se, feliz, n'um extasis doce de quem enguliu muitas hostias.

*Beirão* — sujando-se ultimamente na questão das penitenciarias.

*Mariano* — Esse fadista da finança já não tem chronica.

Depois que, sendo ministro, desceu a escrever **à Rosa** offerecendo-lhe **30 contos** para ella conseguir desfazer a opposição contra o monopolio dos tabacos; depois que se acanhalhou por esta forma, só no Limoeiro é que se pôde encontrar um typo comparavel em distincção.

O caso com elle é simples e claro.

Se não tomam cautella mette quanto vintem ha ou pôde produzir o paiz n'estes annos mais chegados na mão do *Marquez da Foz* e dos *Petits Mosers* para depois dividirem entre si.

Ou vae para fóra, ou estamos *roubados* até ao cotão das algibeiras.

Escolham.

*Henrique de Macedo* — um paliteiro de calotes — não vendeu ainda a sua pessoa porque não ha ninguém que a compre.

Como pôde um homem d'estes governar é que não se comprehende!

*S. Januario* — Uma virtude impolluta, vendida por 6:000\$000 réis adiantados que a companhia do norte teve de pagar juntamente com um logar do conselho fiscal para se obter a concessão de Cascaes.

E' um velho leão, amoroso, que perdeu de todo o senso, se alguma vez o possuiu.

*Navarro* — Este é um gallego porco.

Boçalmente, á vista de todos, tirou 150 contos do tratado das obras do Porto de Lisboa e 50 do escandalo de Cascaes.

Um nojo!

Ahi estão os chefes.

Depois virão os ajudantes.

Se o Rei de Portugal entende que o paiz deve ser governado por esta cafila de **tunantes**, o paiz lhe fará ver que não está disposto a consentil-o.

Este semanario será o orgão de todos aquelles que estão dispostos a reagir por todos os modos contra tão **infames administradores**.

## Abaixo o governo

E' grave e muito grave, o estado miseravel em que se encontra Portugal.

Por todos os lados não se vê senão a fome, a prostituição e o despezte.

Nas habitações ruraes os trabalhadores abandonam as suas casas, e procuram no estrangeiro o apoio que lhes é recusado pelo actual governo.

Os empregados publicos trabalham sem cessar,

e os insignificantes ordenados que ganham mal chegam para descontos que soffrem.

Os funcionarios independentes, que reagem contra as ordens despoticas e vinganças mesquinhas do governo, são demittidos.

Os agiotas e banqueiros auferem importantes bens, com a miseria do povo, e arbitram a taxa de 5 p. c. ao mez nos descontos que fazem aos infelizes que cahem debaixo das suas mãos.

O commercio decae sensivelmente pela concorrência estrangeira.

Os poderes publicos corrompem-se com facilidade.

E o rei acolhe com agrado ou com medo uns miseraveis que lhe chamaram ladrão.

E poderá este estado de cousas continuar d'esta fórma?

Não, mil vezes não.

E' necessario que o povo reaja contra tanta immoralidade, que actualmente reina no paiz.

E' urgente que o povo diga ao rei, que os conselhos da corôa só devem ser confiados a homens de bem.

E se o rei não annuir á ordem do povo, compete a este revoltar-se contra aquelles que tem postergado a Carta Constitucional, e assassinado os seus irmãos, que teem protestado contra as suas infamias.

Que o grito do povo seja:

Abaixo a canalha, que tem obrigado o rei a sancionar leis vexatorias!

Abaixo o governo, que está desacreditando a monarchia com a sua politica ignobil!

## O Vingador

N'esta grande arena da imprensa, apparece o *Espectro*, um luctador novo, cheio de extranha coragem que lhe vem da sinceridade das suas convicções, armado para este combate da politica simplesmente com o seu patriotismo e com a sua pena d'aço, esta pena que ha de ser como o ferro em braza applicado aos escandalos dos homens d'esse governo, que tripudia sobre o quasi cadaver do paiz, como abutre insaciavel, sem curar dos mais rudimentares principios de probidade e de tino governativo.

E porque n'este paiz corrompido, onde a vergonha parece ir-se totalmente apagando dos caracteres, é preciso cada um couraçar-se com a propria energia, — nós entramos n'este combate sangrento da palavra escripta, como o luctador romano, confiado apenas no esforço do proprio coração, indifferente tanto aos applausos honestos dos homens de bem, como aos apupos canalhas dos bandidos sem dignidade.

Alumia-nos ainda a memoria sagrada e luminossissima de Fontes, esse grande character tão probro como vilmente calumniado pelos bilhostres famintos d'um partido de opera buffa.

Nós vimos cumprir um dever honesto de cidadãos e o nosso caminho será a linha recta da justiça. A este pelourinho, aqui, impiedosamente, serão amarrados e azorragados todos os trabuqueiros das encruzilhadas, todos os sugadores das forças

vivas da nação, todos os ministros venaes, sem character e sem honra, todos os esfomeados que dia a dia se recheiam com o sangue d'este povo tão bom, como soffredor.

Serão nossos principaes collaboradores os senhores **Marianno Cyrillo de Carvalho** e **Emygdio Navarro**, e nós pouco mais faremos que copiar para aqui os seus famosos artigos de giria reles do *Progresso* e do *Diario Popular*!!

O nosso titulo?

E' já celebre na imprensa o titulo que encima a nossa folha; escolhemol-o porque elle synthetisa já o grito da revolta das consciencias indignadas, porque foi com elle, que ha 40 annos, um bom velho fez a cruenta guerra, quasi legendaria, toda de coragem e toda de valor, ás hostes acanhadas do seu tempo,—e porque foi com elle que mais proximamente, ha 10 annos, um outro luctador, ferreo pulso de esgrimista corajoso, fez a campanha granjolacea, e na qual o seu triumpho foi completo.

Triumpharemos nós? Havemos de triumphar,—por força!

Trazemos a coragem leonina que não trepida, nem fraqueja, trazemos a rija, a bronzea indignação que não empallidece, trazemos a força moral da nossa vida immaculada, que nos deixa á vontade n'esta lucta selvagem contra a perfidia, contra a ladroeira, contra a infamia!

A postos, senhores, que ides ouvir as verdades mais crueis, mais sangrentas, mais terriveis, que nos ultimos trinta annos se tem dito em lettra redonda.

Nada nos fará arredar pé d'esta campanha tremenda. E declaramos desde já que não receiamos que nos mandem apunhalar a uma esquina,—**porque ha gente para tudo!**—e porque acima da nossa vida está a nossa missão. Mortos que sejamos o *Espectro* que será a sombra da nossa energia extincta, entrará pelo somno estrangulado dos nossos assassinos, que verão nos sonhos phantasticos do seu leito de miserias o nosso olhar sangrento e fatal.

## BASTA

A immoralidade campeia infrene.

Os ministros, perdidas todas as noções da dignidade e do dever, arrojam-se pelo eaminho criminoso das operações bem combinadas e dos negocios escuros.

O rei, enfermo, não se sente com forças para expulsar os falsos conselheiros, que o desprestijam e compromettem

As camaras, compostas por individuos sahidos dos chapéus dos ministros, não discutem, não apreciam os actos d'aquelles: chancellam inconscientemente tudo que elles lhes apresentarem.

Os presidentes das camaras municipaes, os governadores civis e as mais auctoridades administrativas, em geral ignorantes e boçaes, praticam toda a casta de abusos, e de arbitrariedades, ou prepotencias.

São uma verdadeira reproducção da corrupção que lavra no poder central.

Portugal não tem governos a dirigit-o; tem uma cohorte de renegados, de ambiciosos, a desacredital-o, a sugarem-lhe o melhor do seu dinheiro.

Percorram-se os diferentes jornaes da opposição, vejam-se os escandalos dia a dia por elles verberados, e digam-nos francamente, se já em algum tempo nos conselhos da corôa esteve um ministerio mais corrupto e devasso que o actual.

Se não fosse limitadissimo o espaço de que dispomos, se nos podessemos alargar, mostraríamos com factos que os homens que estão no poder ainda não commetteram um acto digno, um acto serio, um acto em beneficio do paiz.

Mas, tambem não precisamos descer a essas minuciosidades, porque o povo sabe, o que são e o que valem esses truões de feira, esses miseraveis pelotiqueiros, que de cabriola em cabriola teem dado os mais nojentos e repellentes saltos mortaes, por cima do decôro e da decencia.

E', porém, tempo de dizer a esses homens: **basta.**

Sahi do poder que enxovalhaes com as vossas concessões, com as vossas operações bem combinadas.

Basta de escandalos.

Basta de violencias.

[Basta de traficancias.

## Processo crime instaurado pelo ESPECTRO, contra o ministerio progressista actualmente no poder.

Anno da graça de mil oitocentos e oitenta e oito

### Auctores

Os quatro milhões de habitantes do paiz.

### Reus

Os sete phantasticos personagens que se sentam nas cadeiras do poder.

\*

## LIBELLO DE ACCUSAÇÃO

1.º

Provará,—que o ministerio progressista subiu ao poder em 18 de fevereiro de 1886, e no governo se tem conservado até hoje.

2.º

P.—que d'esse ministerio nefasto fazem parte os srs. JOSÉ LUCIANO DE CASTRO, MARIANNO CYRILLO DE CARVALHO, HENRIQUE DE BARROS GOMES, EMYGDIO JULIO NAVARRO, HENRIQUE DE MACEDO, FRANCISCO ANTONIO DA VEIGA BEIRÃO e VISCONDE DE S. JANUARIO.

3.º

P.—que os meios de que os actuaes ministros e especialmente os srs. Marianno de Carvalho, Emygdio Navarro e Luciano de Castro, se serviram para escalarem poder, foram os conhecidos insultos soezes e as ignobeis infamias dirigidas contra o rei, a rainha e os principes, nos jornaes de que eram redactores. Assim

4.º

P.—que, o relaxamento moral e a indignidade dos homens do governo, a fome ardente dos dinheiros do thesouro e os desejos rapacissimos de tratadas e de negociatas, fizeram com que esses homens, que hoje beijam a mão a el-rei, e se curvam ante a frente augusta da rainha, com uma sabujice nunca igualada em terras portuguezas, cuspiram sobre o regio manto as calumnias mais desvergonhadas, e as mais desbragadas e miseraveis torpezas, embrulhadas n'uma linguagem de rameira de viella ou de arceiro bebedo.

5.º

P.—que são factos incontestaveis e sabidos de todos, que o sr. Marianno de Carvalho, hoje ministro da fazenda, chamou ao rei **capa de ladrões**, e indicou-o á turba popular, como **encobridor de ladrocinhas**, com os quaes aproveitava.

Mais :

6.º

P.—que o sr. Emygdio Navarro, hoje ministro das obras publicas, chamou ao rei as maiores infamias, e chegou a indical-o á vindicta popular como traidor ao paiz, por factos tão vergonhosos, que a penna se recusa escrevel-os.

E assim :

7.º

P.—que o mesmo réu Marianno de Carvalho, não contente de insultar infamemente o chefe do estado, teve o arrojo inaudito, a audacia espantosa de pretender sujar com o fel peçonhento da sua baba jornalística e putridamente rancorosa, a fronte radiosa e serena da sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia, a rainha mãe dos portuguezes, a caritativa e bondosa senhora que todos amamos!!!

8.º

P.—que o ministerio progressista, que está no paiz, conquistou essas pastas que está manchando com as suas unhas **sujissimas**, por meio do **insulto canalha**, e da **ameaça puíha!**

9.º

P.—que entrados nos conselhos da corôa, esses homens, para os quaes não havia, nem haverá nunca, agua sufficiente que os lave das sujidades que depozeram aos pés do throno, e que cuspiram de suas boccas venenosas, — esses homens, que n'um paiz serio, teriam sido condemnados por calumniadores convictos, e corridos do convívio do resto da gente honesta, — esses homens enfim, que se tivessem dignidade e a palavra character não estivesse absolutamente fóra do seu dictionario, não appareceriam mais sobre a face d'este paiz de criminosas condescendencias; — trataram de pôr em pratica e de realizar por todos os meios, as mais escandalosas negociatas e as mais monumentaes tratadas, tratantadas e tratantices, de que ha memoria!!!

D'esta fórma :

10.º

P.—que não tendo o sr. Emygdio Navarro, como elle proprio confessou, fortuna ou rendimentos que lhe chegassem para viver, se acha hoje de posse de uma boa fortuna, e espapaça os seus con-

tos de réis, em luxuosas despezas, como adiante se provará.

11.º

P.—que este mesmo réu, antes de **ser ministro**, trabalhava para comer, e vivia com difficuldades, auferindo alguns cobres, como redactor do *Progresso*, depois do *Correio do Norte*, e como secretario do Tribunal do Commercio d'esta cidade o que tudo, quando muito, lhe podia dar um rendimento de um conto e quinhentos mil réis annuaes.

12.º

P.—que este mesmo réu não tinha bens alguns conhecidos, e nem lhe adveiu fortuna proveniente de heranças, de sortes de loteria, e nem achou thesouros escondidos do tempo dos francezes, nem foi á California!...

13.º

P.—que este mesmo réu, poucos mezes antes de ser ministro, — tal era a sua miseria! — pedia dinheiros emprestados para fundar um jornal, onde escreveu para ganhar a vida.

14.º

P.—que estando como está demonstrado, que o réu Emygdio Julio Navarro era absolutamente pobre, antes de ser ministro das obras publicas, é certo que, entrado que foi nos conselhos da corôa, começou a revelar ao paiz assombrado riquezas enormes, e fazendo espaventosas despezas, dignas de um grande nababo, e que **parecem** a todos tão phantasticas e tão maravilhosas, como as historias das *Mil e uma noites*.

Demonstra-se :

15.º

P.—que o réu Emygdio Julio Navarro fez construir no Luzo, e n'um dos melhores pontos, dominando com a vista toda a soberba paizagem um sumptuosissimo chalet, onde tem enterrado **dezenas de contos de réis**.

16.º

P.—que o mesmo réu fez circumdar o seu opulento chalet de soberbissimos jardins e ainda fez construir á custa do paiz, uma estrada, por onde lhe é mais facil e mais curto o percurso para a sua rica vivenda.

17.º

P.—que a mobilia para aquelle rico palacete do Luzo, e para estar em harmonia com elle, é de muitos contos de réis, de fórma que o seu embelezamento interior, não pôde ser evidentemente de menos preço do que o proprio chalet em si.

18.º

P.—que audaciosamente, uma *cocotte* hespanhola, muito conhecida em Lisboa, teve o seu camarote de assignatura no theatro lyrico, e mesmo por cima do camarote que n'aquelle theatro, é reservado ao ministerio, e todos sabem a que ministro pertencia essa joia iberica...

19.º

P.—que o mesmo réu **presenteia** largamente as suas *amigas* com custosas *rivieres* de brilhantes, e mobila casas de preço, luxos estes que só se fazem com larguissima porção de libras.

(Continúa.)

# EXPEDIENTE

Recebem-se annuncios para a  
capa d'este SEMANARIO

## ASSIGNATURAS

PARA AS PROVINCIAS		PARA LISBOA	
180	3 meses	180	3 meses
320	6 "	320	6 "
Annuncios 20 contos a linha.			

Toda a correspondencia deve ser dirigida  
para a Travessa da Agua de Fôr, 20—LISBOA.

## EXPEDIENTE

Recebem-se annuncios para a  
capa d'este SEMANARIO

---

## ASSIGNATURAS

PARA LISBOA		PARA AS PROVINCIAS	
3 mezes .....	130	3 mezes .....	160
6 » .....	260	6 » .....	320

Annuncios 20 réis a linha.

---

Toda a correspondencia deve ser dirigida  
para a Travessa da Agua de Flôr, 20 — LISBOA.